



Lula ouviu de Fidel Castro que crise pode ter efeitos como os causados à economia mundial pelo crack de 1929 na Bolsa de Nova Iorque

Uma madrugada com Fidel

Cubano vara noite com Lula após sair de jantar com FH

MÔNICA TAVARES

BRASÍLIA - Depois de jantar com o presidente Fernando Henrique Cardoso no Palácio do Planalto, no domingo, o líder cubano Fidel Castro dedicou a madrugada de ontem ao petista Luiz Inácio Lula da Silva, a quem fez prognóstico sombrio sobre os rumos da crise mundial. "Sem ser pessimista, o mundo

se converteu em um cassino, onde a cada dia se aposta bilhões de dólares", criticou o presidente de Cuba, prevenindo para o risco de a crise ser pior do que a causada pelo *crack* da Bolsa de Nova Iorque, em 1929.

Na segunda visita em uma semana ao Brasil, escala de ida e volta da viagem à África do Sul, Fidel Castro passou toda a madrugada com Lula, o governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque (PT), e o presidente do partido, José Dirceu. No hotel em que se hospedou, Fidel concedeu também entrevista, elegendo a "incerteza" como a palavra de ordem

do momento. Cuba nada pode fazer para repor a economia mundial nos trilhos, lamentou Fidel, para definir o papel dos cubanos como o de "formadores de consciência".

Em tom grave, o presidente de Cuba advertiu que a indefinição dos organismos internacionais ante a crise está provocando incerteza que atinge a todos os países. Segundo Fidel Castro, no *crack* da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, somente 3% dos americanos estavam no mercado de ações. Atualmente, afirmou, pelo menos 50% da poupança norte-americana estão nas bolsas, via fun-

dos de pensão. "Estão dadas todas as condições para um agravamento da crise", arrematou.

O governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque, saiu do encontro às 3h15. Luiz Inácio Lula da Silva preferiu hospedar-se no mesmo hotel. Às 7h30, antes de embarcar para Belo Horizonte, Lula propôs mais uma vez a redução dos juros internos e o fim da dependência das importações predatórias. "Precisamos trocar o tripé do governo, importações, câmbio e juros, por política industrial, política agrícola e exportações", defendeu.